

# Calumbi. ©

Dênisson Padilha Filho  
Contatos:(71)3347-8489ou(71)9122-5876  
E-mail:dpadilhafilho@gmail.com

Copyright© 2007 by Dênisson Padilha Filho  
Direitos autorais reservados conforme  
certificado de número 399.233, livro 743, folha 393.

## STORY LINE

No fim do século XIX, uma velha senhora vivia em companhia de duas jovens negras no Sítio do Calumbi, mísero rancho no baixio do Rio de Contas, sertão baiano. De tanto sofrerem maus tratos, as negras acabam por morrer e, para surpresa da velha senhora, elas não descansam em paz e voltam para se vingar. Uma trama aterrorizante e bela no cenário fascinante de um Brasil esquecido.

### **SEQUÊNCIA 01 – Ext/Amanhecer– TERREIRO DO SÍTIO DO CALUMBI**

Plano-conjunto do vaqueiro arreando a montaria (penumbra). Tomada dos seus pés em velhas alpercatas, ao tempo em que se sucedem os créditos iniciais do filme. Terminada a arreação do animal, o vaqueiro monta.

O vaqueiro montado se afasta do sítio por longa estrada que corta a caatinga. Ao fundo da fotografia, a serrania.

### **SEQUÊNCIA 02 – Ext/Dia - QUINTAL DA SEDE DO SÍTIO (ACESSO À COZINHA).**

As irmãs negras Jacira e Eulália estão a catar caroços de feijão no chão do quintal. D. Emiliana chega à porta e lança mais feijão ao terreiro para que sejam catados pelas meninas.

D. Emiliana

***Quero ver agora se não aprendem a catar um feijão!*** – Declara, sem risos.

As irmãs se erguem com as mãos nas costas como que segurassem a dor, se entreolham e tristes miram o horizonte da serrania.

Crédito do título do filme. “CALUMBI”.

### **SEQUÊNCIA 03 – Int/Dia – Quarto das meninas**

Deitadas nas esteiras, Jacira e Eulália acordam com formigas a lhes imolar. Jacira pega um fífo com o qual identifica nas esteiras, grande quantidade de formigas.

Jacira

**É formiga... que Sá Miliana jogou rapadura nas esteira!!!**

Despertam definitivamente para iniciar a lida diária.

### **Seqüência 04 – Int/Dia – Cozinha**

D. Emiliana, na cozinha, acende a lenha do fogão com o auxílio do candombá, vai à talha no canto e com o caneco enche a chocolateira de água para ferver o café. Meninas adentram a cozinha. D. Emiliana dá uma breve gaitada antes de falar:

D. Emiliana

*Vosmicês tão dormindo demais... precisam levantar mais cedo.* Enxuga as mãos e grita – *Jacira!!!* - ela aparece - *Vai buscar logo o leite do queijo no curral! E tu Eulália, vai soltar a miunça que o sol já tá alteando! Avia...!!!*

#### SEQUÊNCIA 05 – Ext/Dia – CURRAL

Passos de Eulália em direção ao chiqueiro de bodes e cabras. Passa pelo curral, onde o vaqueiro está entretido com a ordenha e apartação de bezerros. Ele pára e observa, apiedado, a sina de Eulália. Faz gesto negativo com a cabeça. Retorna ao seu afazer, resignado. Nova tomada do caminho de Eulália. Ela chega à porta do chiqueiro. Tomada de Eulália de dentro do chiqueiro. Tange o rebanho pra fora e sai.

#### SEQUÊNCIA 06 – Ext/Entardecer – ÁREA EXTERNA DO SÍTIO

Plano-conjunto do vaqueiro tocando violão. Pára e olha o horizonte. Da varanda, da sede do sítio do Calumbí, D. Emiliana escuta vagamente os acordes do vaqueiro, enquanto cerze toalhinhas de altar e vestes de imagem sacra; e reflete:

D. Emiliana

*Olha que belezinha que ficou... meu Santo Antônio!*

Sorrindo, inverte o humor novamente e grita, após constatar que já está meio escuro.

*Jacira!!! Vem acender os fífó da frente, imundiça!*

Novamente reflete:

*Onde já se viu?! Batizar negra com nome difícil! Jacira e Eulália* (ironiza). *Negra tem que se chamar é Zefa, Maria... Zefa de Jacinto, Maria de Jacinto. Lazarentas... preguiçosas...*

#### SEQUÊNCIA 07 – Ext/Dia – ÁREA EXTERNA DO SÍTIO

Sonho de Eulália

Som de galope (em *slow motion*). Na noite enfumaçada pela cerração, cavalo disparado, em fuga, montado em pêlo por Jacira e Eulália que tocam e esporeiam com os calcanhares, o animal; ao tempo em que riem e acenam em feliz despedida, como se estivessem se libertando de D. Emiliana.

Detalhamento gradativo dos punhos cerrados e do semblante de D. Emiliana, que fica para trás a rosnar raivosamente e praguejar com o olhar as negrinhas fujonas.

#### **SEQUÊNCIA 08 – Int/amanhecer – QUARTO DAS MENINAS (LUZ DE FRESTAS DE JANELAS)**

Jacira e Eulália são logo cedo despertadas do sono por D. Emiliana que, com o punhal de sangria tenta “incentivá-las” a irem logo, ainda de madrugada, sangrar a leitoa a ser oferecida na Trezena de Santo Antônio

D. Emiliana

***Levanta imundiça!! Vai logo sangrar a leitoa.*** Com as mãos na cintura, após entregar o punhal a Jacira, comenta quase em tom sádico e irônico. ***Oh raça sem qualidade! Vosmicê também, Eulália, avia!!!*** (gritando)

Tomada das meninas saindo do quarto ainda sonolentas e assustadas. Tomada de D. Emiliana vindo até a porta do cômodo. Retorna, some na escuridão do quarto. Abre as duas bandas da janela do quarto, se debruça relembra o passado.

#### **SEQUÊNCIA 09 – Ext/Dia - atmosfera p/b, refletindo acontecimento passado/curral**

No curral, o velho patrão tateia o úbere de uma rês parida, ao tempo em que observa, durante a ordenha, o bailar das pernas esguias da negrinha Jacira, a “desapartar” bezerros das matrizes, tocando-os para o curral menor com o auxílio de um ferrão. A ordenha, para o velho, deixa de ser mero ofício ou encargo, para ser um objeto da vazão do seu desejo pela negra Jacira. Acaricia mais meticulosa e vagarosamente o úbere do animal, quando decide abordar Jacira no pequeno curral da bezerrada. Larga o balde de leite nos pés da vaca e parte em direção a Jacira. Câmera em *travelling* acompanha pelo chão, o caminhar trôpego do velho, até o curralinho. Alterna-se com a subjetiva do velho em direção à cancela. Fecha a cancela, investe rumo à moça, inclinando-a por sobre o cocho e sufocando nela, com a mão, qualquer tentativa de recusa barulhenta. Eulália que voltava do recolhimento dos ovos de galinhas andejas, num soslaio, nota o ocorrido e, de fora, se aproxima do curral encantando-se, inocentemente, com a novidade. O foco se desloca rapidamente para o olhar surpreso e enfurecido de D. Emiliana que a tudo assiste dos varejões. O seu grito descontrolado assusta a vaca que dá com a pata no balde, derrubando o leite ordenhado.

Novamente o olhar enfurecido da velha em plano-detalle, de volta do pensamento, recuando e saindo pela janela de duas bandas que é batida com força pela velha que volta para dentro da casa

**SEQUÊNCIA 10 – Ext/Dia – QUINTAL DO SÍTIO**

Jacira, com um punhal, péla a leitoa com a ajuda de Eulália que despeja água quente aos poucos na pele da leitoa. Plano-detalhe de uma mão masculina pegando na mão da moça, enquanto esta trabalha. Toma de sua mão o punhal. Plano-conjunto do tropeiro. Câmera alterna foco entre os olhares do tropeiro e o de Jacira. Ambos vítreos e estáticos.

Tropeiro

***Punhal bonito, moça*** – admira a ferramenta com a mão meio suspensa – ***carece de vazar, está meio cego. Não vai passar uma manhã toda pelando a leitoa, vai?***

Jacira

***Sinho não*** – replica séria e fascinada, porém envergonhada.

Tropeiro desloca-se para amolar o punhal num pedaço de laje. Admira novamente o punhal com o serviço feito.

Tropeiro

***É uma ri- de- conta?***

Jacira

***É sim, sinhô.***

Tropeiro

***Como é que um ferro dessa qualidade veio chegar na sua mão, mucama?*** - questiona meio irônico o tropeiro.

Eulália

***Era do pai Jacinto*** - intercede Eulália, sisuda. ***Dêrna quando ele era vivo que aqui no sítio só se corta bicho com esse punhal! É leitoa, criação, galinha ou novilha... é tudo com esse ferro*** - defendeu orgulhosa, a herança deixada.

O tropeiro escuta atento e devolve o punhal a Jacira. Tomada de ambos; ela agachada recebendo o punhal da mão do tropeiro, que está em pé.

Tropeiro

***Punhal desse é feito para correr trecho... rompê terra imensa... na minha cinta*** - termina o tropeiro com um olhar comprido e insistente em fitar Jacira. Vira-se de costas e se afasta em direção aos seus animais. Tomada de Jacira voltando ao serviço. Olha pra trás pra ver o tropeiro se afastando.

Jacira

***Torna a esquentar essa água. Já deve tê esfriado*** - disse para Eulália que, imóvel, devaneia. ***Vai Lalinha*** - insiste Jacira.

Eulália entra, deixando Jacira só olhando o punhal, suspira forte e resignada, fitando o tropeiro já distante desarreando a sua mula de sela.

<b>SEQUÊNCIA 11 – Int/Noite – SALA DE ESTAR DO SÍTIO.</b>
---

Câmera faz a tomada de D. Emiliana tirando canto em louvor a Santo Antônio acompanhada de mais duas senhoras. Close de D. Emiliana. Se benze, se inclina pra beijar a imagem; e em seguida toca-a.

Tomada de D.Emiliana se virando e falando com uma das moças.

D. Emiliana

***Eulália! Traz aquele licor que ‘seo’ Polica mandou de Fazenda do Gado... Caminha, lezeira!!*** – Câmera focaliza D. Emiliana se aproximando das duas outras senhoras. Senta-se pra conversar. Ao fundo, Eulália sumindo no escuro corredor da casa.

Eulália retorna surgindo pelo corredor escuro.

Plano-conjunto do corredor mostra Jacira encostada na parede a observar o diálogo.

D. Emiliana

***Pode deixar a bandeja aqui. Depois do licor vem a leitoinha do Meu Santo Antônio***

Senhora 01

***Herdaram do véi Jacinto o afinco na lida, não foi, comadre?***

D. Emiliana

***Qual nada!!! Lazarentas que só. Não se vê pior nas duas. Fazem só se eu mandar***

Senhora 01

***Injustiça Emiliana. Que horror... as pobres já estão alforras, não se esqueça disso!***

D. Emiliana

***Desconheço a carta! Eu que facilite que o Calumbi desanda e descamba na ruína! Vaqueiro Moisés calado; me olha feito inquisidor. Mas não açoita essa raça na ordenança. Então, só eu mesmo, comadre.***

Senhora 02

*É desse jeito.... essa raça é sem qualidade.*

D. Emiliana

*Inda ponho as mucamas no prumo, hei de. Pegada com Deus que sou - retruca.*

Senhora 01

*Seja compassiva, Emiliana; convém.* - pondera enquanto toma o licor

**D. Emiliana**

*Quaal!!!!'* - desdenha e sorve o derradeiro gole do licor.

Ainda da porta, Jacira acompanha toda a conversa (sem som). Câmera mostra Jacira olhando o tropeiro que está à janela, do lado de fora, olhando para ela. Câmera alterna focos da face dela e dele.

#### **SEQUÊNCIA 12 – Ext/Noite – TERREIRO DA FRENTE DO SÍTIO**

Plano-detulhe das mãos do vaqueiro Moisés a fazer um cigarro. Sobe o foco por seus braços e fixa no olhar sereno do vaqueiro que põe o cigarro na boca e acende com um tição. Observado pelo vaqueiro Moisés, o tropeiro sai da beira da janela e vem em direção à fogueira onde está o vaqueiro sentado e estende um dos canecos esmaltados. Câmera focaliza tropeiro dando um dos canecos ao vaqueiro. Close nas mãos passando o caneco.

Tropeiro

*Ao santo!* - brinda temeroso

Vaqueiro

*Ao santo* - responde ao custo de uma pausa

Tropeiro se ergue com um tição, saca do chapéu um cigarrinho e acende; vira-se de costas e some nas penumbras do sítio. Câmera mostra o vaqueiro observando quieto.

#### **SEQUÊNCIA 13 – Ext/ ALVORECER – ÁREA EXTERNA DO SÍTIO**

Câmera alterna focos da serrania, de uma tomada panorâmica da sede do sítio ou da vegetação convulsa e hispida da região. Tropeiro aproxima-se da sua mula-de-sela para arreá-la e partir. A meia distância, Jacira observa a movimentação e arrumação da partida

do tropeiro. Confere se a matrona não a observa e caminha desconfiadamente rumo ao tropeiro. Tropeiro ajusta bem a sela ao tempo em que se surpreende com Jacira a lhe falar.

Jacira

***Eu vou com o sinhô. Me leva, sinhô. Por tudo sagrado, amém, sinhô, me leva daqui!*** - suplica

Tropeiro

***Qual nada!...*** - Tira um trago do cigarro preso aos beiços e continua aviando partida - ***Quer arribar mais eu mucama?! Já se viu?...tropeiro com amiga na viajança!*** - ainda o tropeiro, que descartando com ironia, monta a sua mula viageira e puxa pelo cabresto o seu burro cargueiro.

Jacira, estática, observa o afastamento do tropeiro. Câmera nos olhos desolados da negrinha. D. Emiliana aparece na porta que dá acesso ao terreiro onde tudo ocorria e observa. Câmera toma em primeiro plano a matrona com xícara na mão. Jacira em segundo plano de corpo inteiro plantada no terreiro. Em terceiro plano o tropeiro se devolve à estrada. O tropeiro, já a boa distância, pára, olha para trás e parado fica por meio tempo, para depois retomar a sua retirada assobiando para incentivar as suas alimárias. E vai sumindo.

<b>SEQUÊNCIA 14 – Ext/Dia – TARDE ALTA NAS CERCANIAS DA SEDE DO SÍTIO</b>
---

Sob a sombra de um umbuzeiro, Jacira está deitada com as pernas erguidas e apoiadas no tronco da árvore. Subjetive se aproxima lentamente percorrendo o acesso até ela. Câmera por cima focaliza o seu rosto e uma rama de capim que lhe toca um dos ouvidos. É Eulália que lhe prega um susto. Jacira senta-se bruscamente com o susto.

Jacira

***Que brincadeira sem jeito, Lalinha. Vosmicê me assustou!***

Rindo e desconcertada, Eulália se senta também sob o umbuzeiro. Se deita, ladeando a irmã, e também ergue as pernas. Câmera no chão entre ambas.

Jacira

***Lalinha, vosmicê se alembra da carranca que vaqueiro Moisés trouxe “isturdia” lá do trecho do São Francisco? Quando dessas puxadas de gado dele?***

Eulália.

***Sim, alembro. Que é que tem isso agora?***



Jacira

***Hah... Vosmicê não acha que Sá Miliana tem parecença com a tal carranca?***

Eulália.

***De vera é. Será se é parente, irmã?*** - Aproveita Eulália, faz escárnio da matrona e se esbalda do assunto. Silencia um pouco e já séria, prossegue: ***Convinha era Sá Miliana passar uma quadra com a irmã dela, acolá na Vila Velha e deixar nós em paz um pouco*** - pausa novamente - ***Quando será, irmã?***

Jacira

***Será quando nós intendê de arribá numa madrugada dessas!*** - responde Jacira. A câmera ainda no chão entre as duas, focaliza as duas deitadas a se olharem.

Eulália

***Vosmicê é minha valença nessa vida, minha irmã.***

Confessa a negrinha caçula. Jacira responde com o gesto de lhe estender a mão. Eulália faz o mesmo. Câmera focaliza as mãos entrelaçadas e semi-suspensas. Jacira se levanta acompanhada pela irmã e revela:

Jacira

***Eu devia era me arribá com aquele um moço... ia viver de puxar tropa... alinhar sertão com a linha dos pés...mais nunca eu ia assentá no Calumbi.***

Eulália escuta quieta. Câmera focaliza, pouco distante dali, o cavalo do vaqueiro Moisés, ainda arreado e atado de cabresto ao mourão de curral, pelo lado de fora. É Jacira que o vê, aponta e nele fixa o olhar. Eulália interpreta o pensamento da irmã e pergunta:

Eulália

***Pensando em quê, minha irmã?!***

Jacira

***No que pensei a vida toda... me arretirar daqui!***

Câmera focaliza Jacira caminhando, seguida por Eulália rumo ao cavalo. Tomada do aparecimento repentino de D. Emiliana pelo lado de dentro do curral. Debruça-se nas ripas. Câmera em close registra ar irônico da velha, frustrando a negrinha. Câmera registra o olhar desapontado e amedrontado dela, que se dirige aos fundos da casa. D. Emiliana convoca o vaqueiro Moisés e indaga:

D. Emiliana

*Seo Moisés, o que é que esse cavalo ainda está arreado a essa hora?*

De dentro do curral vem andando pra fora o vaqueiro Moisés, que responde:

Vaqueiro Moisés

*Inda vou na Varge da Baraúna buscá uma vaca parida.*

Dirigindo mais uma ordem agora a Eulália

D. Emiliana

*Eulália, me traga a minha cadeira e ponha aqui. Eu agora vou por assunto nesses fundos da sede...*

#### **SEQUÊNCIA 15 – Ext/Dia – ÁREA EXTERNA DO SÍTIO**

Prestes a ganhar o seu rumo a caminho da vaca ainda solta, já montado, saindo da sede, o vaqueiro Moisés pára o animal junto a Jacira e lhe dirige as breves palavras.

Vaqueiro Moisés

*Não hai mal que por sempre dure, filha.*

Câmera mostra o vaqueiro parado a olhar a mucama. Plano-geral à distância mostra o vaqueiro indo em direção aos matos; até sumir na garrancheira.

#### **SEQUÊNCIA 16 – Ext/Dia – CENAS DA CAATINGA**

Imagens do lugar e das atividades cotidianas do sertão.

#### **SEQUÊNCIA 17 – Ext/Dia – TERREIRO DO SÍTIO**

Da porta dos fundos em direção ao terreiro de trás, sai D. Emiliana com as esteiras das negras enroladas sob o braço. Na outra mão, um toco de lenha em chama. Deita as esteiras no chão e ateia fogo nelas.

D. Emiliana

*Ta olhando o quê?! Vosmicês dormem demais!... Carecem acordar mais cedo... labuta demanda madrugada!*

Eulália

*Mas Sá Miliana, nós já levanta na madorna!*

D. Emiliana

*Vosmicês vão dormir na lajota fria!*

Determina a velha e se senta na cadeira posta no terreiro de trás. Ali fica estática e carrancuda como sempre a mirar satisfeita as chamas das esteiras queimando. Câmera à distância registra a matrona sentada inerte beirando as chamas e ao fundo surgindo Jacira tendo aos braços um borreguinho recém-nascido. Plano-detelhe registra Jacira olhando com ódio pra D Emiliana.

#### **Sequência 18 – Int/noite – INTERIOR CASA**

Tomada de D Emiliana fazendo suas orações antes de dormir, à luz de duas velas postas no altar da sua camarinha. Semblante calmo e concentrado da matrona. Tomada das duas negras no seu quartinho, se aprontando pra dormir na noite friorenta.

Jacira

*Lalinha, convém nós dormir junta por amor de esquentar o frio. Quebrá a friagem dessa lajota...*

Eulália

*Ajunta logo aqui, irmã.*

Tomada de D. Emiliana balbuciando suas orações. Close nas mãos apoiadas sobre o altar segurando o terço. Plano-detelhe de Eulália tiritando os dentes de frio, ao tempo em que Jacira inicia um acesso de tosse; já meio prolongado por conta da friagem. Uma de costas para outra. Destaque na respiração ofegante das duas.

#### **SEQUÊNCIA 19 – Ext/Dia – ÁREA EXTERNA DO SÍTIO**

Seqüência de imagens. Sertão amanhecendo. Frio matinal.

#### **Sequência 20 – Int/Dia – QUARTO DAS MENINAS**

D Emiliana entra no quarto das meninas.

D. Emiliana

***Vosmicês alevanta logo,... avia!!! Hai queijo pra mexer hoje. Caminha!!***

Meninas queimando de febre. Respirando ofegantes e tossindo. D. Emiliana percebe o estado delas, mas insiste.

D. Emiliana

***Não esmurece não, cambada!*** - Puxa o velho cobertor, descobre as negrinhas e vê as duas enroscadas com frio e febre a tossirem. A matrona sai do quarto andando de costas e pouco satisfeita com o que viu. Puxa a porta do recinto para cerrá-la.

<b>SEQUÊNCIA 21 – Int/Dia – CASA DO SÍTIO</b>
---

Créditos: DOIS DIAS DEPOIS

Câmera mostra D. Emiliana novamente entrando no quarto das meninas. Dessa vez acompanhada de uma velha rezadeira.

D. Emiliana

***Vão-se dois dias assim, Sá Rosa; não levantam pra nada. Haviam de mexer o queijo mas não foram. Nem daqui saíram!***

Câmera nas duas negras. Ofegantes, a tiritar de frio e a tossir muito. Close na rezadeira. Bastante impressionada com o estado das meninas. Tomada da rezadeira se aproximando lentamente, se ajoelhando e falando muito impressionada:

Sá Rosa (rezadeira)

***Que mazela vosmicê cultiva aí dentro! É disso que voismicês padecem!*** - avalia a rezadeira que fica um tempo estática e saca de seu embornal de sola uma garrafada de cura; a qual ela recomenda a D. Emiliana para as negras beberem – ***a sinhá pode passar essa garrafada pr'elas beber. Tomara que ajude!*** Estende a mão entregando a garrafa à matrona. Inicia-se então (mudo) a reza, o bate-folha da rezadeira sobre os corpos adoecidos das negrinhas que tosse e tremem.

<b>Sequência 22 – Int/Dia – CASA DE DO SÍTIO</b>
--

Um dia depois, adentra o recinto o vaqueiro Moisés. Inabalado, porém solidário e com um cobertor nas mãos, ajoelha-se aos pés de Jacira que tosse muito e tiritar em calafrios. Cobre as duas moças, toma a mão de Jacira e assim permanece por um tempo, amparando o acesso de tosse da negrinha ladeada pela irmã Eulália que também sofre. Close na mão do vaqueiro sendo apertada pela mão de Jacira.

Vaqueiro Moisés

***Não deixa este ódio matar vosmicês, filha!***

Jacira tosse novamente. Prossegue o sofrimento. Vaqueiro Moisés enxuga a testa das negrinhas; volta a se ajoelhar; tira do seu pescoço um escapulário, põe no pescoço de Jacira e lhe fala:

Vaqueiro Moisés

***Vosso bem há de ser mais forte que vosso ódio.*** - Pousa a mão sobre o escapulário deitado desde então no tórax de Jacira. Mais tosse. Nesse ínterim, Eulália desanda a falar em delírios:

Eulália

***Pai Jacinto! Eu já me vou... chegada a vez pai Jacinto...*** - profere ofegante e com olhar vidrado.

Jacira

***Eu não vou... eu não quero morrer... não quero, não quero*** - interpõe também ofegante Jacira. O vaqueiro percebe, com isso, que de fato é chegado o momento final das negrinhas. Câmera focaliza a face do vaqueiro com os olhos a ler todo aquele contexto. Quando a respiração delas começa a faltar; engasgadas que estão, o vaqueiro Moisés profere a elas o seu parecer final, em sinal de alento:

Vaqueiro Moisés (*Off*)

***Na vida do justo, o Sol brilha, no fim dessa grande luta; até ser dia perfeito para compensar a labuta...*** – Tomadas alternadas de close do rosto do vaqueiro e uma imagem de Santo Antônio posta de cabeça pra baixo numa peça do recinto. Faz-se uma breve retrospectiva com imagens da vida das duas. Vaqueiro Moisés percebe que ambas se esvaíram já. Com isso ele cobre os rostos das negras e sai do recinto. Tomada dos dois corpos cobertos pelo rôto cobertor, lançados ao chão do quatinho pouco iluminado em que desencarnaram.

<b>SEQUÊNCIA 23 – Ext/Dia – PELO CAMINHO.</b>
---

Longe dali, arranchado numa sombra de capão-de-mata, à beira do fogo o tropeiro tira da “trempe” de pedra uma panelinha com pequis, da qual escorre a água, para, em seguida sentar-se e comer os pequis. Close no seu trabalho de mãos com a panela saindo da trempe. Já comendo os pequis calmamente, como se ouvira algum chamado, levanta-se repentinamente, pára mirando o abstrato e assim permanece por algum tempo. Com o olhar triste agora, tropeiro volta a se sentar para degustar os pequis. Pressente que Jacira morrera.

Tomada da mula e burro atados ali próximo se agitando não se sabe com o quê. Tropeiro percebe a agitação desconfiado e, portanto, convicto do que pressentiu.

#### **SEQUÊNCIA 24 – Ext/Dia – UM VELHO E POBRE CEMITÉRIO NA CAATINGA**

Som de carro-de-boi cantando. Tomada das suas rodas e os pés dos bois em movimento. É o vaqueiro Moisés quem conduz o carro com os corpos de Jacira e Eulália encobertos. Plano-geral da chegada do carro ao velho cemitério. Vaqueiro Moisés saca a pá do carro e se dirige ao cemitério para iniciar a escavação das covas. Plano-detalle da pá entrando na terra, sendo empurrada por um dos pés do vaqueiro. Vaqueiro Moisés já cobrindo os corpos, quase finalizando o serviço. Durante as últimas pás de terra vai recitando. Tomadas alternadas da face do vaqueiro e as últimas porções de terra a caírem:

Vaqueiro Moisés

*Não se esqueçam, criaturas do que eu ensinei um dia... a vida é uma rês teimosa, selvagem e arredia. Não deixem ela escapar; pois a morte verdadeira, é perder Deus de vista nas azinhagas da vida. Traga essa rês consigo e Deus será seu amigo. E na garrancheira dos dias, Ele é a única saída .-* Encerra o sepultamento e finca as duas cruzes ao tempo em que abóia melancolicamente.

Aboio do vaqueiro (*Off*). Sequência de imagens: o céu vermelho do fim de tarde em tempo de estiagem longa; os rebanhos pastando o que resta. Pela estrada desolada e isolada na caatinga, o carro-de-boi desloca-se de volta. Câmera toma do alto a estrada e o carro.

Vaqueiro Moisés

*Eeh... boi da guia!!!* -Vai sumindo na infinda paisagem.

#### **SEQUÊNCIA 25 – Ext/Noite – VELHO CEMITÉRIO /SÍTIO**

##### **UMA SEMANA DEPOIS**

As almas rancorosas das negras se erguem da terra. Câmera faz o movimento de se erguer e saem rompendo a caatinga em grande velocidade; som percussivo, batuques africanos dão ritmo. Alterna-se essa ação com a imagem da inércia reinante do sítio, o seu paradeiro e suposto sossego. Retornam as negras em espectros agora, ao sítio. Já nas cercanias da sede as almas observam por detrás de árvores. Câmera circula ao redor do sítio. Os animais se agitam ao perceberem a presença dos entes mal assombrados. Continuam a circular em redor da casa. Velocidade aumentando. Até que esbarram ofegantes (som de respiração) em frente à porta do fundo da casa (acesso ao terreiro dos fundos).

#### **SEQUÊNCIA 26 – Int/Noite – HORAS MORTAS, NO RECINTO ONDE AS NEGRAS DORMIAM.**

D. Emiliana adentra o recinto das negras para fechar as bandas da janela que ficara aberta. Com o fifó que trouxe acende uma vela que lá já estava. Observa tudo ao seu redor e avista aquela imagem de Santo Antônio posta de cabeça para baixo sobre a peça. Vai até ela e a coloca em pé. Afasta-se dois passos para mirá-la. D. Emiliana vai saindo do quarto e fecha-o. Câmera mostra a chama tremulando, mesmo no quarto todo fechado e alterna com a imagem do santo colocada corretamente. Vela se apaga como se fosse soprada. Nova tomada do santo, agora novamente de cabeça pra baixo.

#### **SEQUÊNCIA 27 – Ext/ Alvorada – TERREIRO DO SÍTIO**

Tomada do vaqueiro Moisés arreando o animal para mais um dia. Pendente na cerca do curral está o seu gibão. Terminada a arreação, ele toma o gibão, veste-o, monta e sai. Fica no plano a casa do sítio já bastante descuidada.

#### **Sequência 28 – Int/Alvorada – COZINHA**

Adentra a cozinha D. Emiliana com um fifó aceso na mão a fim de acender os candombás para o fogão a lenha. Enche com a água da talha a “chocolateira” para fazer o café. Põe sobre a trempe do fogão. Encosta a chama do fifó em um dos candombás para acendê-lo. Ao pegar o candombá percebe que está encharcado. Verifica os outros candombás ao pé do fogão. Todos encharcados também. Close na fisionomia assustada de D.Emiliana. Ao fundo inicia-se o batuque africano. Com o fifó na mão retira-se apressada da cozinha em direção à sua camarinha para acender as velas do altar. Adentra a sua camarinha afobadamente. Próxima já ao altarzinho encontra nele as suas imagens viradas de cabeça para baixo, toalhinhas de altar emboladas e velas esmigalhadas. Close do semblante aterrorizado da matrona com as velas esmigalhadas nas mãos. Abre desesperado choro no alvorecer friorento do sertão.

Barulho de louças quebrando na cozinha. D.Emiliana abre desesperado choro no alvorecer friorento do sertão.

D. Emiliana

*Seo Moisés...!!!!*

Câmera acompanha a retirada de D. Emiliana em correria rumo ao curral. Passando pela cozinha, presencia as louças espatifadas ao chão. Desespera-se mais e apressa-se para o curral. No meio das reses se coloca a chorar e a berrar pelo Vaqueiro Moisés que longe demora em sua labuta.

D. Emiliana

*Me acode!!! Seu Moisés !!!* - Chora e desmorona rodeada pelo seu rebanho impassível. Sentada no chão do curral prostra-se e reflete, enquanto continua a chorar, sobre o terror que vive agora.

### **SEQUÊNCIA 29 – Ext/Noite – TERREIRO DO SÍTIO**

Sentado à fogueira está o Vaqueiro Moisés. De dentro da casa vem o choro arrependido de D. Emiliana que, ultimamente só tem feito isso. Moisés torna as vistas para a casa, observando e refletindo. Baixa as vistas lamentando a escolha das negras de ter buscado vingança.

### **SEQUÊNCIA 30 – Int/Noite – QUARTO DE D. EMILIANA**

Câmera mostra D. Emiliana, aos pés da sua cama, ajoelhada, conclui suas rezas antes de deitar. Deita-se, estatelada e com olhar vidrado fica sem conseguir dormir, refletindo sobre tudo. Close no seu olhar perdido e petrificado. Já coberta na cama, sente-lhe puxarem o cobertor, como se o dividisse com “outras pessoas” na cama. Cobre-se puxando novamente o cobertor. Insistentemente é puxado pelas almas assombradas. Cansada deste tormento pelo cobertor, senta-se na cama e chora amedrontada enquanto, de mãos unidas tenta iniciar reza novamente.

### **SEQUÊNCIA 31 – Int/Noite – QUARTO E COZINHA**

CRÉDITOS: ALGUMAS HORAS DEPOIS

Levanta-se da posição em que estava, depois de sentada há duas horas na cama. Toma o fifó e sai da sua camarinha para beber água na cozinha. Câmera registra quarto sendo deixado. Chegando à cozinha toma do seu caneco e ao virar-se para ir em direção à moringa d’água, esbarra e olha assustada a moringa trepidar. Close na moringa trepidando e se arrastando sobre a cristaleira até espatifar-se ao chão. Close na moringa quebrada no chão.

Close no olhar petrificado da matrona. Subitamente estampa-se um sorriso insano no semblante da velha. Começa a entoar um bendito de Santo Antônio e sai andando com o fifó na mão, deixando a cozinha. Plano detalhe destaca os pés da velha pisando os cacos da moringa no chão.

### **SEQUÊNCIA 32 – Int/Noite – PASSADOS ALGUNS DIAS**

Encostada à cabeceira da sua cama, estática, já com ares de louca, somados às habituais feições carrancudas, se mantém enterrada no cobertor (câmera primeiramente faz uma plano-geral daquele triste quadro e depois destaca a face e o olhar bestificado da matrona). D. Emiliana passa a escutar um converseiro vindo das demais dependências da casa. São as almas das negrinhas tramando. A matrona registra a percepção do converseiro com o olhar e passa a falar só, chamando as negras:



D. Emiliana

*Jacira!... - pausa – Eulália! vem cá minhas duas... bem-quistas mucamas do Calumbi – bajulando carinhosamente as almas – mucamas minhas prá tudo meu arrimo... ora vos bendigo que o nosso sítio não hai de desandar pois a lida é vossa. Bem coalhado é o queijo do Sítio do Calumbi. A miunça é gorda, pois vosso pastoreio a conduz às verduras e às aguadas. São férteis as chãs por vós lavradas. Se me arretiro pra Vila Velha, Minas do Rio de Contas, Bom Jesus do Rio de Contas, ou Fazenda do Gado... Umbuzeiro dos Santos... Santo Antônio do Mato Grosso... até Bom Jesus dos Meira. Não hei de me afligir pois bem guardado é por vós o Calumbi – proclama com regozijo e satisfação o seu delírio – Do invisível também não temo ente algum. Não hai lobisomem qu’eu tema... Cabra cabriola não hai qu’eu tema... Corpo-Seco danado, penado e agourado não hai qu’eu tema, não hai qu’eu tema, sequer, Papa-figo nenhum pois por mim é o meu Santo Antônio – câmera mostra altarzinho todo revirado – Por mim são minhas santas mucamas – sorri novamente com o olhar vidrado – pegado com Deus que sou... feliz agora sim... – Câmera mostra na frente da cama da matrona os espíritos sentados em duas cadeiras. D. Emiliana levanta-se trôpega e descabelada, dirige-se até uma velha bruaca de couro no canto do quarto e tira dois cobertores. Vai até os fantasmas sentados e envolve-os com cada um dos cobertores. Jacira desfere ainda um breve acesso de tosse e com isso D. Emiliana lhe acaricia as costas, como se amainasse a crise da sua negrinha.*

Volta para sua cama, para envolver-se nos seus cobertores, como estava antes. Câmera mostra em segundo plano as duas cadeiras desocupadas e cobertas pelos cobertores. Close nas cadeiras vazias.

### SEQUÊNCIA 33 – Int/Dia (ALVORADA) – ÁREA EXTERNA DO SÍTIO

Imagens de um galo cantando e do sítio já bastante abandonado.

### SEQUÊNCIA 34 – INT/DIA – CAMARINHA DE D. EMILIANA

No quarto, iluminado agora pela réstia de sol que penetra pela janela semi-aberta, está D. Emiliana louca e definhada. Agora já determinando às finadas os afazeres domésticos:

D. Emiliana

*Jacira!! ... Vai olhar se tem leite tirado no curral. São duas quartas de queijo pra Vila Velha ... mais uma pra comadre Glória lá do Tombadouro... – delira estática – Eulália!!... Solta só as cabras e a borregada. O pai-de-chiqueiro põe na corda pra cevar. Amarra de curto... Tem galinha andeja na baixinha... é das poedeiras boas...*

Tomada da matrona se levantando e indo cambaleante até a janela semi-aberta para vagarosamente escancará-la. A luz que penetra no recinto a incomoda profundamente e a faz se esquivar para, em seguida, fechá-la novamente. D. Emiliana vai até o altarzinho,

olha-o fixamente. Toma a imagem de Santo Antônio nas mãos e se deita. Deitada, olha a imagem que tem em mãos e vira-a de cabeça pra baixo, segurando-a assim. Percorre com o olhar o seu frio e sombrio aposento. Câmera focaliza partes do recinto. Entrando nos derradeiros instantes de vida, balbucia pausadamente:

D. Emiliana

*Em morte em vida... hei de dar tenência...o Calumbi não deita ruína. Em prumo corrigir os estúrdios do tempo. Hai lida que chegue nessa terra... quem vem?! Rebanho graúdo dobrado... miunça tal e qual também... quem vem... hai santa gente de devoção... alma boa... de gente boazinha mesmo...quem vem...quem?! Hai trezena pro Santo Antônio... Trezena de função... bendito, reza, bendito, leitoa, função, fogueira... quem vem... Santos Reis tem função... correr bandeira ...quem vem...Tropeiro se acoita na puxada... se refestela e retoma a boiadeira... quem vem??...* Câmera registra, durante o delírio derradeiro da matrona, a sua boca, os olhos vítreos, as mãos segurando a imagem e uma lágrima que escorre pela sua face ressequida.

Morre D. Emiliana. Alternam-se imagens: primeiramente a imagem do santo caindo ao chão em câmera lenta; a imagem do santo no chão; os dois pés juntos de D. Emiliana; a sua mão pendendo para fora da cama; a sua bocarra aberta, os olhos secos, frios, impassíveis.

Plano-geral do quarto, com o corpo lançado à cama. Toque de tambores africanos. As almas das meninas se vingaram.

Close de uma formiga na cama. Imagens do corpo sendo tomado por formigas. Os pés juntos; a mão pendendo pra fora da cama, a face gélida da matrona, onde formigas transitam agora (tambores ainda).

#### SEQUÊNCIA 35 – Ext/Dia – ENTARDECER A CAMINHO DO VELHO CEMITÉRIO

Imagens da paisagem local. A seca tornando tudo estático. A serrania. Câmera registra a última pá de terra sendo lançada. Plano-conjunto das três cruzeiras fincadas na terra. Converte-se em plano-geral do velho cemitério.

#### SEQUÊNCIA 36 – Ext/dia – SEDE DO SÍTIO

Alternam-se imagens da sede do sítio em estado de abandono. As tiras de bandeirolas de junho, ao chão; janelas batendo incessantemente, galinhas transitando pela casa. Som de violão.

Vaqueiro Moisés

*(Off)Chegado o tempo de aviar partida... os rebanhos vão erar no alheio... o Calumbi, o sítio, perdura no tempo; feito o pau de Calumbi, seco, que espera a quadra das águas; hai de esperar um senhorio que conduz sua lida com bonança... pra fazer brotar do chão um vergel de boa ventura...As gemeduras ... o vento norte espalha... latomias... as sonhadas águas de novembro desmancham ... maldade... vos digo por sempre não hai de*

*durar... Neste torrão, quedei-me demais tempo. Hai outras eternidades pra viver...a tropel vou-me a elas... estrada real boiadeira passa no Calumbi, se agarra nesse sem fim de terras e segue... o sertão não acaba nunca...* – Imagens do vaqueiro Moisés terminando de arrear o animal atado ao mourão do curral. Pendendo nas ripas do curral, seu uniforme de campear; gibão, chapéu de couro, guarda-peito, perneira e luvas. Close de cada uma dessas peças. Guarda-o num surrão de sola que é lançado à garupa do cavalo. Veste a capa colonial viageira.

Plano-conjunto registra aproximação do vaqueiro, que abre e toca a criação pra fora do chiqueiro. Plano-detulhe do tropel das cabras correndo pra fora. Plano-geral do alto registra o vaqueiro agora se aproximando da cancela do curral e abrindo-a. Entrega o Sítio do Calumbi e os seus rebanhos ao gosto do destino. Câmera registra a cancela escancarada batendo ao vento.

Soltas as cabras e reses do sítio, o vaqueiro Moisés aproxima-se do cavalo, lança a viola ensacada às costas; monta e sai.

A cavalo, anda um pouco, esbarra e torna as vistas para a sede do sítio do Calumbi, ao qual serviu por décadas a fio. Ainda batem janelas na casa assombrada. Alternam-se imagens da casa e do olhar fixo do vaqueiro. Retoma seu rumo, embora triste pelo destino infeliz das três.

#### SEQUÊNCIA 37 – Ext/Dia – ESTRADA

Plano-detulhe da andadura do cavalo do vaqueiro na estrada. Alternando-se com imagens do burro e da mula do tropeiro também na estrada. Plano-geral do alto registra aproximação dos dois. Esbarram ambos; um diante do outro. O tropeiro, soltando baforadas ao vento, indaga:

Tropeiro

*Que sucedeu, meu companheiro?! – pergunta sem entender a retirada do vaqueiro – Que foi feito daquela gente?*

Vaqueiro Moisés

*Se acabaram tudo...* - responde o vaqueiro Moisés com olhar perdido nas serras.

Focaliza-se semblante desentendido do tropeiro.

Vaqueiro Moisés

*... finadas mucamas... finada a matrona... Calumbi deitando em perdêdera ruína... malassombro sem jeito...*

Tropeiro ouve sério o parecer do vaqueiro Moisés que fala olhando para infinito.

Se despedem tocando seus chapéus. Tropeiro sai assobiando para incentivar as suas alimárias, quando o vaqueiro Moisés o chama novamente:

Vaqueiro Moisés

*Espera...*

O tropeiro dá meia volta e se reaproxima do vaqueiro, que saca da sua cinta, por trás da capa colonial, o punhal das mucamas, outrora cobiçado pelo tropeiro. Estende a mão a ele entregando-o a ferramenta, ao tempo que determina:

Vaqueiro Moisés

*Vosmicê leva isso consigo.*

Close no punhal na mão estendida do vaqueiro. Tropeiro sério e tocado, toma o punhal e ergue-o para admirá-lo novamente. Vaqueiro Moisés retoma seu rumo.

Tropeiro

*E de vosmicê??... Que é agora?!?*

Vaqueiro Moisés

*Tomo meu rumo... o sertão não acaba...* – responde sereno, sem tornar as vistas para trás o vaqueiro Moisés.

Plano-geral do alto revela o afastamento de ambos na isolada estrada boiadeira no meio da caatinga (som de violão).

Créditos

Fim